



Feminismo



A história do feminismo



Philos^{tv}

HISTÓRIA DO
FEMINISMO



A primeira e segunda onda
feminista

A primeira onda feminista - madames racistas

A partir do final do século XIX, após a Revolução Francesa, iniciou-se a onda conhecida como Sufragista, pois apesar de defenderem causas de “liberdade” e “igualdade”, ainda mantinham a mulher subjugada ao ambiente doméstico sem poderem entrar na política. Tal onda é caracterizada como ligada ao interesse das mulheres brancas de classe média por apresentar pautas generalizadas de igualdade formal inclusiva.



A primeira onda feminista

A onda se fortaleceu nos Estados Unidos e no Reino Unido, pois as mulheres necessitavam ser reconhecidas como sujeitos de direitos.

Foram 30 anos de protestos pacíficos, até que organizaram um terrorismo com a máxima de não ferir ninguém para chamar a atenção do governo e de outras mulheres.



A primeira onda feminista

As mulheres conseguiram seus direitos alcançados quando a opinião pública abraçou o movimento e com a morte da mártir Emily Davison em 1913 na Inglaterra.



A primeira onda feminista - Dia Internacional da Mulher

O dia 08 de março é uma homenagem às operárias têxteis de New York que foram queimadas vivas pelos patrões em 1857 ao aderirem a greve e reivindicarem por redução da jornada de trabalho, melhores condições de trabalho e licença maternidade.



A primeira onda feminista - No Brasil

Em 1917, Nísia Floresta, que ao lado de Bertha Lutz é considerada pioneira no feminismo brasileiro, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Rio de Janeiro em 1922, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e os direitos das mulheres. Foi formalmente extinto com a conquista definitiva do direito ao voto pelo código eleitoral de 1932 e com a decretação do Estado Novo

A segunda onda feminista

Iniciou-se na década de 1960 nos Estados Unidos em resposta à opressão estrutural do patriarcado e à dominação masculina.

As mulheres começaram a se questionar sobre “o que é ser mulher?”, desnaturalizado por Simone de Beauvoir em 1949, em *O Segundo Sexo*, tornando-se o importante marco teórico.

A segunda onda feminista - Crítica à primeira onda

A segunda onda faz críticas ao caráter burguês-liberal de outrora, fazendo recortes de classe e raça, relações de poder e transversalidade de opressões estruturais para além do gênero. Assim, elevam-se as vozes das mulheres negras e pobres subjugadas dentro do movimento. Inclusive, é nesse período em que se formulam as problematizações acerca das diferenças entre gênero, sexo e orientação sexual, desmitificando a naturalização de papéis sociais que seriam inerentes a homens ou mulheres.

A segunda onda feminista

O “We Can Do It!” desconstrói a ideia machista de “mulher sexo frágil”. Embora tenha sido criada em 1943 nos Estados Unidos para ser propaganda de guerra com o objetivo de incentivar as mulheres americanas trabalhadoras às atividades extra-domésticos; foi reapropriado pelo movimento feminista no pós guerra para promover o empoderamento feminino.



A segunda onda feminista - No Brasil

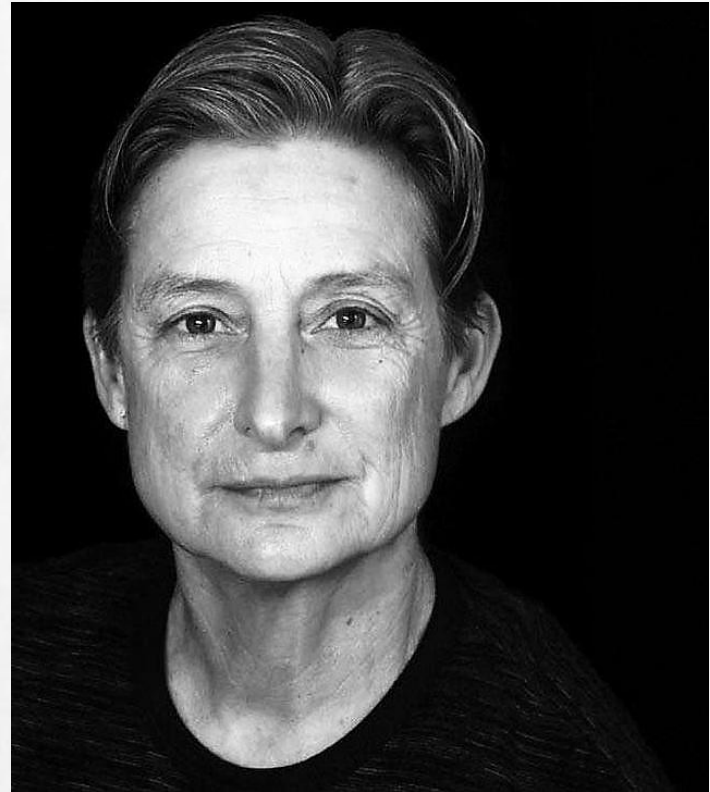
Iniciou-se na década de 1970 num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, o direito ao prazer, contra a violência sexual, também lutou contra a ditadura militar. O primeiro grupo que se tem notícia foi formado em 1972, sobretudo por professoras universitárias. Em 1975 formou-se o Movimento Feminino pela Anistia com o objetivo de conscientizar, persuadir e pressionar a sociedade e o governo, mostrando a necessidade de anistia, onde o Brasil vivia um período de torturas.



A terceira onda feminista
do feminismo aos
feminismos

A terceira onda feminista - do feminismo aos feminismos

A partir da década de 1980 e 1990 do século XX, surge a terceira onda feminista, que perdura até os dias atuais. As críticas trazidas por algumas feministas dessa terceira onda, alavancadas por Judith Butler, vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, uma vez que as opressões atingem as mulheres de modos diferentes. Seria necessário discutir gênero com recortes de classe e raça, levando em conta as especificidades das mulheres.



A terceira onda feminista - do feminismo aos
feminismos



Crítica à segunda onda feminista

Desconstrução de teorias feministas da 2ª onda e de representações que pensam a categoria de gênero de modo binário (masculino/feminino). Simone de Beauvoir já havia desnaturalizado o “ser mulher”, em 1949, em O Segundo Sexo. Ao dizer que “não se nasce mulher, torna-se”, a filósofa francesa distingue entre a construção do “gênero” e do “sexo dado”, e mostra que não seria possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. A divisão sexo/gênero funcionaria como uma espécie de base que funda a política feminista, partindo da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído como algo que se impõe à mulher, assumindo assim um aspecto de opressão.

Crítica à segunda onda feminista

Essa base fundacional dual foi o ponto de partida para que Butler questionasse o conceito de mulheres como sujeito do feminismo, realizando assim uma crítica radical a esse modelo binário e empreendendo uma tentativa de desnaturalizar o gênero.

Critica à segunda onda feminista

O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. Pois, estudiosas feministas têm argumentado que o próprio conceito de natureza precisa ser repensado, pois este conceito também tem uma história. Assim, a questão não é mais "como o gênero é constituído como — e através de — uma certa interpretação do sexo" (uma questão que deixa de teorizar a "matéria" do sexo), mas, ao invés disso, "através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado?" (BUTLER)



Interseccionalidade

Interseccionalidade

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pelo qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. CRENSHAW 1989



Interseccionalidade



INTERSECCIONALIDADE PARA QUE?

A cada 100 vítimas de homicídios no Brasil, 71 são pessoas negras (Atlas da violência 2017) A cada 19hs um LGBT é morto, mais do que em países onde há pena de morte por ser homossexual. (Grupo gay da Bahia 2017) A cada 23 minutos um jovem negro é morto. (Mapa da violência 2016)





Feminismo: Terceira Onda

Queermuseu, corpo, arte e gênero



Arte Contemporânea X Política:
Qual o papel da arte no contexto
atual?

- O que é arte?
- A arte representa, comunica ou celebra aquilo que retrata?
- O objeto artístico traduz a vontade do artista?



Sexualidade e a ordem moral

A sexualidade representa um mecanismo de suposta preservação e manutenção de ordens políticas, de religiosidade e organização social (e por diversas vezes, também econômica, vide movimentos liberais pautados em discursos morais e conservadores). Assim, socialmente, a existência de dispositivos de controle de gênero, marcados por um conjunto de conceitos e normas de conduta catalisadas culturalmente: discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, todos englobam as práticas discursivas e não-discursivas que contribuem para a construção desses dispositivos, que carregam em si a sustentação de um panorama social, cultural, político e econômico justificado em si próprio. A interdição à sexualidade e ao corpo torna-se parte desse discurso “civilizatório”, institucionalizado por séculos em sociedades.

“A arte é política justamente porque provoca um dissenso ao produzir novas formas do sensível e do visível”.

- Autonomia
- Questionamento Status Quo
- Subjetividade (reapropriação dos significados e experiências através de simbologias e referências pessoais, de tempo e espaço).

A Negação do Corpo: Razão (objetividade) x Feminismo/Sexualidade (Subjetividade)

O afastamento do sujeito de seu corpo e o como esse meandro está intrinsecamente ligado ao afastamento também de sua subjetividade em detrimento do discurso na crença da “razão pura” está registrado durante séculos nos dispositivos sociais, discursos de conhecimento, ciência, etc. Assim, dentro da análise feminista, assume-se uma postura de conhecimento e cultura marcado também pelo **signo de gênero**, ou seja, os conceitos de racionalidade, verdade, certeza e objetividade pertencem à figura do sujeito branco, europeu, purificado, sobretudo, **masculino**.


Tudo que conhecemos como julgamento atrela-se a esta figura idealizada, não possibilitando haver um discernimento social, cultural e político livre de discursos sexistas e de negação ao corpo e à sexualidade/subjetividade. Constitui-se então o que podemos chamar de “**Teoria da Possível Neutralidade**”, onde tudo que está fora do padrão purificado (masculino, hétero, branco, etc.), conceitualiza-se como **transfiguração, transgressão** das normas vigentes (e aceitáveis).

O CORPO FEMININO

Quem define o que é, ou não exibido?

O corpo feminino no período do Iluminismo assume a figura santificada ao se abster do prazer cultuado na Grécia Antiga por questões de fertilidade, e passa a introspectar funções do lar e do ensino religiosa da família. Assim, esse corpo corresponde não mais ao indivíduo, no caso a mulher, mas a um processo histórico, social, cultural. Nesse sentido, começamos a observar a representação desse corpo na arte com tais requintes, **“Bela, recatada e do lar”**





Do women have to be naked to get into the Met. Museum?

Less than **5%** of the **artists** in the Modern Art sections are women, but **85%** of the **nudes** are female.

GUERRILLA GIRLS CONSCIENCE OF THE ART WORLD

Como o corpo feminino é representado na arte?
Como o corpo feminino, como ideia que o
acompanha, é apresentado na arte?

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso
Não ter que participar de exposições com homens
Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer
Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina
Não ficar presa à segurança de um cargo de professor
Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros
Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade
Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova
Ser incluída em versões revistas da história da arte
Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio
Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

Ana Mendieta

O conceito de purificação e dominação acontece então nas artes. A representatividade das mulheres na produção de arte é quase inexistente até hoje, porém a mulher como representação de objeto, musa, etc. é relembrado como símbolo e paradigma que transcorre padrões do que é julgado “ser mulher” até os dias atuais. Pensemos na produção da artista cubana Ana Mendieta, que liga ao seu corpo distorções, elementos naturais, o “feio”, etc.





Estudos Culturais

Nascido na década de 50, o campo dos Estudos Culturais buscava explicar as novas características sociais por meio da análise principais aspectos culturais e informacionais.

Diversas disciplinas atuam em convergência nos estudos, como a economia, política, comunicação, a sociologia, a teoria social, teoria literária, a teoria literária dos meios de comunicação, o cinema, a antropologia cultural, a filosofia e a investigação das diferentes culturas que emergem dos mais diversos corpos sociais.



Não se sabe, de uma maneira geral, onde e como o feminismo arrombou a casa. [...] Como um ladrão no meio da noite [grifos meus], ele entrou, perturbou, fez um ruído inconveniente, tomou a vez [...]

Feminismo e os estudos culturais

Nos anos 70, a emergência de diversas subculturas resistentes chamaram a atenção, surgindo então um trabalho em torno das diferenças de gênero através do feminismo.

O momento inicial do movimento feminista dentro dos Estudos Culturais se deu com a publicação do “Women Take Issue”. Em um segundo momento, os trabalhos passaram a ser críticos da própria literatura feminista.



Feminismo e os estudos culturais

O trabalho se pautou em analisar as imagens de mulheres nos meios de comunicação de massa e trazer o meio doméstico para o debate, como um dos exemplos de reforço de relações de poder.

Novos estudos sobre identidade foram produzidos a partir de então.

Os Estudos Culturais evoluíram a ponto de incluir a noção de interseccionalidade.



Feminismo e os estudos culturais





Mulheres na Produção Cultural

Mulheres na produção cultural

- ❑ “Why have there been no great women in art?” (Linda Nochlin)
- ❑ Mulheres não eram incentivadas à vida artística, além de não possuírem acesso às Academias
- ❑ Foram institucionalizadas as aulas de modelo vivo, tornando-se monopólio das Academias de Artes
- ❑ Grupo seleto de pessoas tinham acesso ao aprendizado: homens, brancos e de classe alta

Mulheres na produção cultural



Autorretrato (1770-1775)



Vênus convence Helena de Tróia a ir com Páris (1790)

Mulheres na produção cultural

Rosa Bonheur



Mulheres na produção cultural

Virginia Woolf

- ▣ Escritora
- ▣ Aprofundamento psicológico dos personagens
- ▣ Grupo Bloomsbury



Mulheres na produção cultural

Frida Kahlo



Mulheres na produção cultural

Cindy Sherman

- ▣ Film Stills
- ▣ Evidenciam o lugar que a mulher é colocada



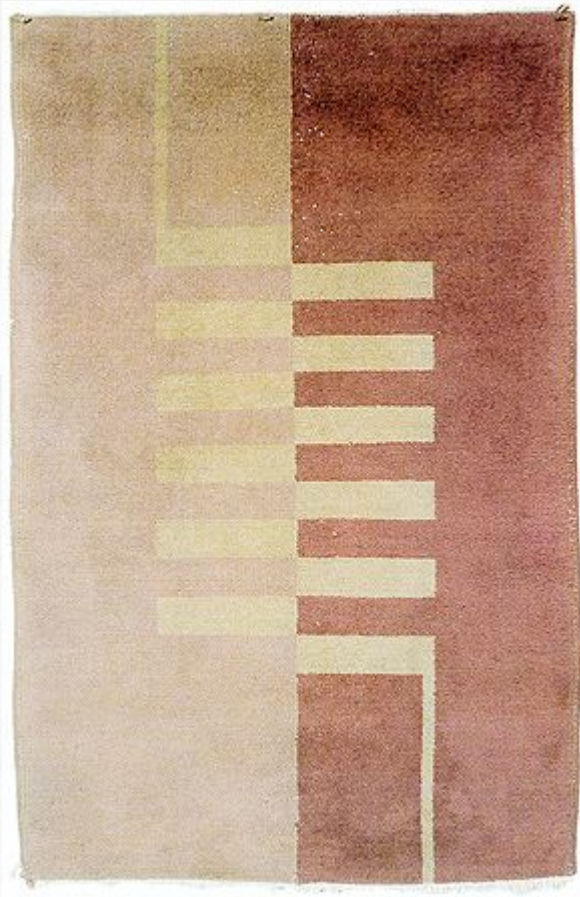
Mulheres na produção cultural

Regina Graz

- ▣ Responsável por trazer essa arte têxtil moderna para o Brasil
- ▣ Tapeçarias, almofadas, vestimentas



Mulheres na produção cultural



Mulheres na produção cultural

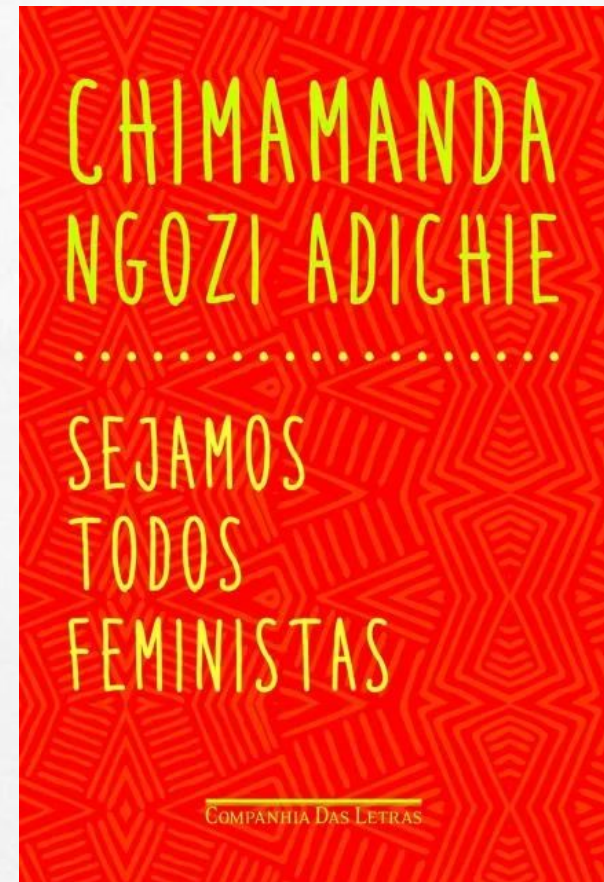
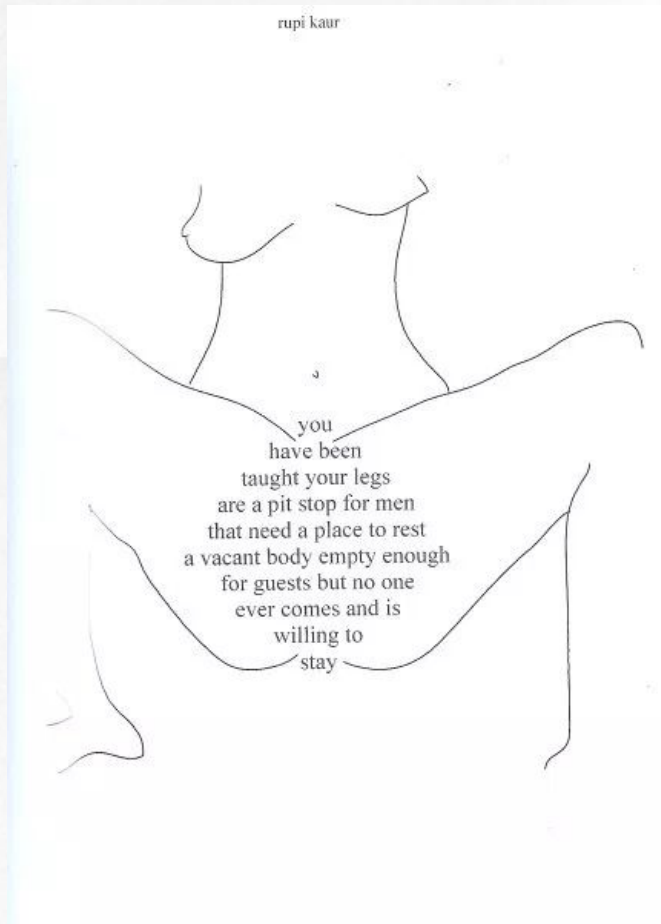
Rupi Kaur



Chimamanda Ngozi Adichie



Mulheres na produção cultural



Denúncias de assédio no cinema





Philos^{tv}

MULHER

Referências

RIBEIRO, Djamila. "As diversas ondas do feminismo acadêmico". 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/diversas-ondas-feminismo-academico/> . Acesso em: 11/06/2018.

MARS Amanda. "Adeus à verdadeira 'Rosie', ícone da mulher operária feminista". 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/23/internacional/1516662685_725483.html . Acesso em: 11/06/2018.

VEDOVATO, M. M.; VITALLE, M. S. S. Gênero, raça e classe social: Os desafios do feminismo no Brasil e o processo de resistência no enfrentamento da violência contra as mulheres; 365-370.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In. O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Orga. Louro, Guacira Lopes. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

CRENSHAW, Kimberly. A Interseccionalidade na discriminação de Raça e Gênero. SD 1989.

Referências

SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer; Trad. Louro, Guacira Lopes. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

NOCHLIN, Linda. Why have there been no greatest women artists?
(<http://www.miracosta.edu/home/gflore/nochlin.htm>), 1971 (1ª ed)

SIMIONI, Ana Paula C. “Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil
(<http://200.144.255.123/Imagens/Revista/REV045/Media/REV45-06-1.pdf>)

“Gerrilla Girls - Arte e Feminismo”. Disponível em : https://youtu.be/Ft_O51Zj3As. Acesso em 13/06/2018.

“Ana Mendieta - Arte e Feminismo”. Disponível em:
<https://youtu.be/QdHIs39qOY8>. Acesso em 11/06/2018.

“Queermuseu: Os perigos da censura e do avanço conservador para a democracia”. Disponível em:
<https://revistacult.uol.com.br/home/queermuseu-censura-avanco-conservador-democracia/>. Acesso em 11/06/2018.



Boa noite!

Jasmine Olga, Laura Ruffs, Lina Kato, Camila Zarbinati, & Marina